

INSPIRAÇÕES DE ÍTACA



Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do autor, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editoração
ArtNer Comunicação

Diagramação e Capa
Joselito Miranda

Foto de capa
O autor

Impressão
GrafMarques

Ilustrações
Edidelson

Revisão
Ronaldson Sousa

Coordenação geral
Maurício Meneses

Melo, Edson Ulisses de.

M528i Inspirações de Ítaca. / Edson Ulisses de Melo.

- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2022.

94p.: il.

ISBN: 978-65-88562-99-4

1. Literatura Sergipana

2. Crônicas

I - Título

CDU:821.134.3 (813.7) - 94

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB- 5/975

Editora ArtNer

Tel.: (79) 99131-7653 · editoraartner@gmail.com · artner.com.br

Edson Ulisses de Melo

INSPIRAÇÕES DE ÍTACA

Aracaju-SE

EDITORA
ArtNer

2022

Quem é ele? Poderia usar TOGA, mas na verdade se veste de JUSTIÇA e HUMANIDADE! É um SERTANEJO que preserva, se orgulha e dissemina a SABEDORIA POPULAR! É um Homem que com suas REFLEXÕES CIDADÃS praticou a defesa aos DIREITOS dos seres humanos! É o ÍNDIO que através do TORÉ e do COCÁ nos ensina o RESPEITO às Raízes! É o PROFESSOR que com sua GENEROSIDADE não ensina apenas CIÊNCIA, mas ensina sobre a VIDA, através de seus exemplos! Não bastasse tudo isso, exerce seu melhor papel como PAI, AVÔ, MARIDO, IRMÃO E AMIGO, quando nos comprova através de todas as suas ações a centelha Divina da HUMILDADE, do PERDÃO, da CARIDADE e do AMOR! ELE É: EDSON ULISSES DE MELO! Nunca é demais homenagearmos aqueles que amamos! E se possível quando ainda pudermos compartilhar de sua presença física!

*Dedicatória a Edson Ulisses de Melo
Por Luciana Deda*



UMA PALAVRA

Ulisses, após seu retorno de longos dias belicosos, acomodou-se em Ítaca para enfim desfrutar do sossego de seu lar. No Mosqueiro, o juiz se recolhe, também, em tempos de batalha, na luta e prevenção contra um vírus mortal que se abateu sobre a humanidade. Longe dos tribunais, dos ritos e das convenções sociais, Edson vê-se tomado por beleza, poesia e simplicidade.

Inebriado por tanto encantamento, ele rende-se às letras como um esposo à amante, e em núpcias inspiradoras nos presenteia com suas impressões sobre a vida, as coisas, as pessoas, os princípios, a natureza, e até mesmo sobre a mais dura e inevitável das realidades, a morte. *Inspirações de Ítaca*, certamente, é um deleite para quem o lê.

Coube-me a honra de dedicar-lhes breves palavras, que em síntese, apresentam e testemunham a sagacidade do seu autor, a qual, inevitavelmente, se confunde à sua história de vida, à sua importância social e ao seu compromisso e zelo com a coisa pública, por meio da aplicação do direito e da feitura e cumprimento da justiça.

As crônicas aqui dispostas revelam, em grande medida, quem é o seu autor em sua essência. Às voltas com as duras imposições dos tempos pandêmicos da Covid-19, como muitos de nós, Dr. Edson Ulisses fez do medo, arte; e da insegurança, poesia; discorridas em prosa da melhor qualidade, em que pesem, sobretudo, a leveza da escrita e a candura e precisão dos textos.

Vida longa ao juiz da palavra fácil, que com esmero atinge nossos corações e mentes, registrando em crônicas a vida no que ela tem de pura e de melhor, traduzindo tudo isso com a tenacidade do guerreiro e a justa medida do juiz.

Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos



PREFÁCIO

REGISTRO DE DESIMPORTÂNCIAS

O que esperar de um livro de crônicas? Esta questão já se responde pela essência desse gênero literário. Prazer estético e fruição de leitura é o que norteia esse labor que alinhava a fração essencialmente *khronos* dos eventos, põe à prova a perenidade do fato e do texto. Todo evento merece texto? Aí, deve-se revelar a habilidade e o talento do cronista. Ter a agudeza de perceber o insólito, o fugaz e o interessante nos acontecimentos da ordem do dia.

A crônica por tratar feitos cotidianos, geralmente urbanos, hoje já evoluídos para além do suporte de jornais e revistas, tratados na Internet, sofrem a “peneira” do perecível. Há assuntos que não se sustentam porque voláteis e não conseguem se eternizar em livros. Talvez dependam da forma engenhosa da abordagem, relatos quase ao pé do ouvido do leitor, uma conversa informal, um bate-papo. Mas que tem eco literário.

Neste esquadro, em sua “Ítaca” sergipana, uma chácara em Simão Dias, que o cronista se revela. A propriedade homônima da ilha grega e destino do herói Ulisses após a Guerra de Troia, da obra clássica *Odisseia* de Homero, batiza também o novo livro de Edson Ulisses de Melo, *Inspirações de Ítaca*.

Texto a texto, o autor tece uma odisseia de minideleites, inquietações e vivências, colhendo seus aspectos mais corriqueiros, fatos sutis que são captados pelo filtro do escritor, digeridos para a matéria textual sob o formato de um gênero tão apreciado pelos leitores e cultivado por gigantes do mais alto quilate como Machado de Assis e Clarice Lispector, até os mais hodiernos cultores da palavra.

Todo cronista é bom observador. Em seu cadinho filosófico e introspectivo, revela a vida subterrânea e pulsante dos noticiários, gestada nos ocultos da rotina comum, chã, nas metrópoles e sua correria inglória, das velas cheias de fumaça e assombro, no escritório laboral das palavras do homem sensível. Por outro viés, Edson Ulisses embrenha-se no meio rural, no centro-sul de Sergipe, ambiente que lhe traz sossego e descanso, une-se à alma da infância para captar as “miudezas” do mundo, num lirismo infantil e perspicaz, apreende do gotejar do orvalho e da chuva ao voo da borboleta.

Este livro reflete o ócio produtivo e a gama de interesses do espírito literário que aqui se revela. E do seu idílio campestre, comunhão com a flora e fauna, da exuberância frugal inspira-se para materializar os textos que cutucam a atenção do leitor. O cronista é como um tecelão do dia a dia, num misto de compromisso e exercício testemunhal de estar no mundo. Neste afã Edson Ulisses expõe suas mais prosaicas observações, sob o manto do instante comum, mas também imprime questionamentos do cidadão politizado e do magistrado. Carimba seu passaporte de vivências pelas veredas da vida, a pública e a comezinha, compartilhadas num texto simples e direto, envolvendo o leitor como é inerente ao tear da crônica.

O autor rememora funções quando foi presidente da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal da OAB e causas inerentes às questões humanitárias, jurídicas ou não; textos sobre cidadania, socialmente sensíveis, com toques ora críticos ora reflexivos, tão caros à humanidade como garantismo jurídico, direitos humanos, constitucionalismo, educação e machismo, a degradação do

meio ambiente e a mudança de habitat da fauna; registros afetivos de família e outros tão atuais sobre a catástrofe pandêmica rondando ruas, muros e varandas.

Em *Inspirações de Ítaca* chamam a atenção o “Marco temporal para demarcação das terras indígenas”; “Os princípios constitucionais e a pandemia: a liberdade ou a vida?”, a pena reflexiva de Ulisses entretece o pensar jurídico e de cidadão, alinhavados pelo cronista não omissos aos fatos. Somam-se ainda outros motes: assédio moral e sexual, personagens da nossa cultura, poetas e professores atuantes em nosso cenário multifacetado. São registros com humor, leveza, idiosincrasias e amenidades.

Apazíveis como a simplicidade de acordar em seu sítio, captar uma pitombeira, uma acácia amarela, ou o toque onírico da chuva no telhado; embevecer-se com os arapuás e o néctar das flores – o microcosmo tão fascinante da natureza e seus encantos, o frêmito retinto da pétala, o rebentar de brotos e folhas novas. Impressos num texto desprezioso com sensibilidade do bom vivente, curioso e arguto, e parece ser neste paraíso de atmosfera “greco-sergi-pana”, o celeiro do matutar criativo ou o ponto seminal das crônicas e divagações.

Particularmente, aprecio temas caros aos poetas que abarcam a magia da infância como em Ilha do Ouro, lembrança dos mangangás (besouros), passarinhos diversos, é sempre deleite para quem teve uma meninice junto à natureza com descobertas dos bichinhos conviventes deste insólito mundo, ao tempo em que denuncia a agonia do rio São Francisco, entre tantos desastres ambientais da contemporaneidade.

Alguns registros na chácara lembram anotações de um diário, uma agenda campestre, a intimidade compartilhada do homem maduro. Edson Ulisses segue sua agenda de “desimportâncias”, como alinhavaria poeticamente Manoel de Barros: o labor das formigas, o canto do galo e das cigarras, a orquestração das aves canoras,

são motivos assim – cheios de simplicidade formal e temática, que revelam o bem viver de quem capta os detalhes e as minúcias do mundo... e verte tudo isso em matéria textual.

Atente, leitor, que neste enfoque natural o autor se dá ao trabalho de descrever uma cigarra para quem não conhece – (e quem ainda não?). Fruto de pesquisas, leituras científicas e observatório pessoal, o que faz desta matéria recorrente do livro uma espécie alegórica de “manual de coisas miúdas e desimportantes”.

É dessas “desimportâncias” e atenção a “seres aparentemente sem valor” que a vida carece, nestes tempos sombrios de tanta antipoesia e matéria ruim compartilhada. A crônica, assim como a melhor arte, resgata o universo maravilhoso que muitos infelizmente não veem, nem dão conta.

Ronaldson Sousa

Poeta, artista visual, também filiado à

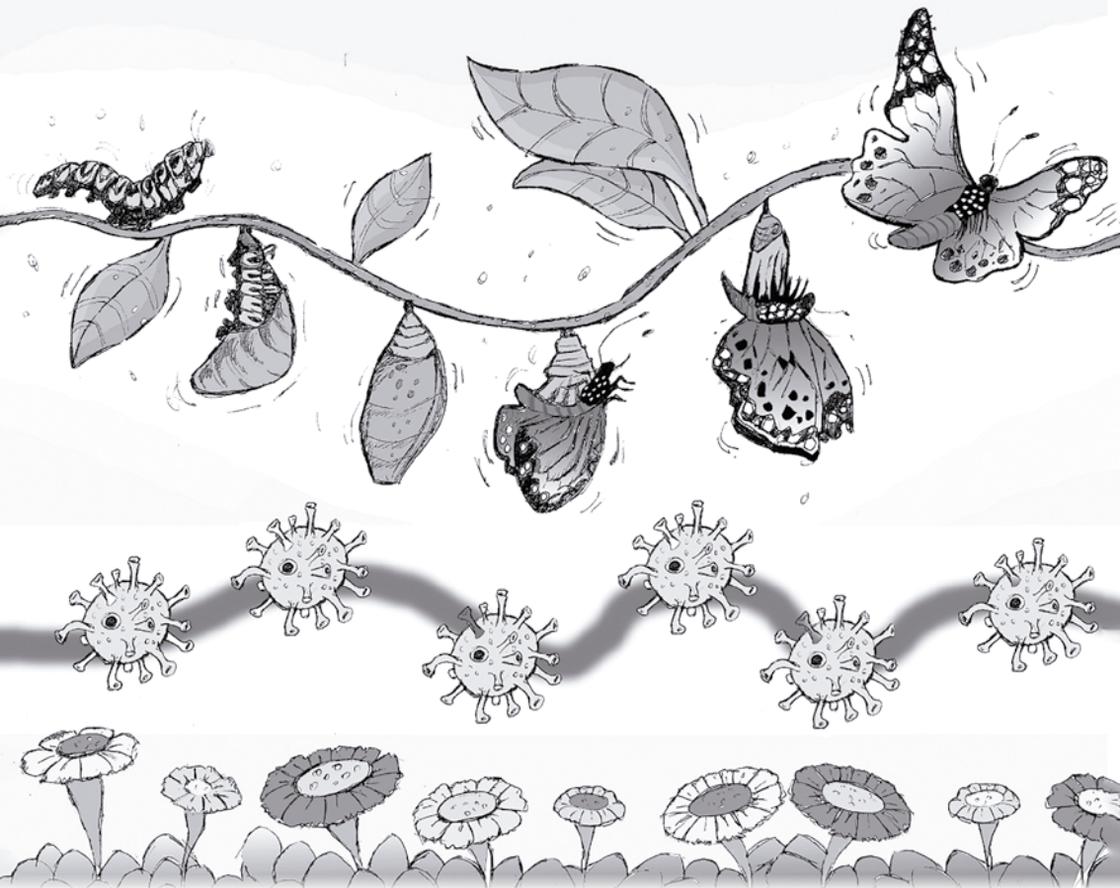
Associação Brasileira de Críticos de Arte



SUMÁRIO

Borboletas, sua metamorfose e a COVID-19	15
Os direitos humanos e os humanos direitos	20
A morte.....	23
A pitombeira	25
A natureza e suas respostas	27
A criança e o mangangá (ou besouro).....	29
O canto das cigarras	31
Os Princípios Constitucionais e a pandemia: a liberdade ou a vida?	33
A formiga	36
O homem é um ser binário ou unitário?	38
A visita do corupção.....	39
Não é não!	41
O saber, o talento e o poder	44
O pau-brasil etc. e tal.....	45
A educação e o machismo.....	47
Apneia	48
A degradação do meio ambiente e a mudança de habitat dos animais.....	49

José Rivadálvio (Professor Rivas)	51
Chame a <i>puliça</i> !!!	53
Professor Amado	55
Marco temporal para demarcação das terras indígenas	56
Cordel do Victor Ulisses	58
Abolição: uma luta permanente.....	60
O Dia do Advogado	62
Acácia amarela	64
Banquete dos insetos.....	67
Quem criou o monstro?	69
Crônica para Maria	72
Crônica para um sergipanês.....	76
Esperançar.....	78
Uma crônica de Páscoa.....	79
Um olhar de consciência	80
Ser amigo	81
Uma crônica natalina	82
O remédio do amor.....	83
Mensagem para um ano novo.....	84
Fragmentos	85



BORBOLETAS, SUA METAMORFOSE E A COVID-19

Estou no Mosqueiro, praia ao sul da capital sergipana, isolado para me prevenir do coronavírus. A minha condição atual me enquadra no grupo de risco, daí meu recolhimento que, fazendo um gracejo, digo que estou em prisão domiciliar, cuja decisão vem de um juiz que não conheço, sem direito à defesa, cujo advogado são os médicos, negado o direito ao devido processo legal, cuja pena é a morte.

Estou tendo oportunidade de mirar a natureza, contemplar as plantas, admirar a beleza jardim, a grama esparramando seu colossal tapete verde, às mini-icsórias floridas, a exuberância das rosas vermelhas...tudo isto me leva a refletir um pouco sobre as suas origens. Vendo as borboletas fico a meditar sobre a sua formação até chegar ao seu estágio de voarem sobre as flores, num bailado desafiador é incessante, fazendo breve sobre suas pétalas macias e multicoloridas, propiciando um singular é inexprimível espetáculo diante de meus olhos atentos inebriados com tanta beleza.

Volto-me a refletir sobre a origem dessas criaturas tão especiais que passam por nós e raramente lhes damos a merecida atenção. E somente nessas oportunidades de reflexão, podemos contemplá-las nessa dança, com tanta elegância e leveza, ao sobrevoarem as flores colhendo o néctar necessário para sobreviverem. Destaque-se, sem guardarem provisões para o próximo tempo, porque têm vida efêmera e nenhuma delas procura reservar para si mais que o necessário para a sobrevivência e por isso o alimento que procuram é suficiente para todas.

Mas de onde vêm esses seres cuja vida ou existência encanta tanto por onde voam, sem nada exigirem pelo espetáculo ímpar que apresentam? Aparecem nas primeiras chuvas; os ovos que são cuidadosamente colocados sobre as folhas eclodem em larvas que logo são transformadas em lagartas, depois em crisálidas e por fim em borboletas. As lagartas, quando em grandes quantidades, podem destruir plantações inteiras, forçando o uso de pesticidas para sua destruição. É na transformação da lagarta em borboleta que se constata a mais perfeita metamorfose. Vejamos o que nos revela a pesquisa acerca do universo desses seres encantadores:

METAMORFOSE DAS BORBOLETAS

As borboletas são animais que, juntamente às mariposas,

formam a *Ordem Lepidoptera*. São seres que sofrem metamorfose, ou seja, sofrem mudanças em seu corpo até se tornarem adultos. Como os indivíduos jovens e adultos são completamente diferentes, dizemos que a metamorfose das borboletas é completa.

Numa busca no campo da simbologia, a borboleta simboliza para alguns sorte, felicidade, mudanças, alma, espiritualidade.

O significado espiritual das borboletas...

A borboleta é considerada o símbolo da transformação, da felicidade, da beleza, da inconstância, da efemeridade da natureza e da renovação, mas há inúmeros significados atribuídos à simbologia das borboletas.

Faz referência à metamorfose, portanto, da transformação que os seres humanos passam ao longo da vida, não só física (crescimento), como sociais (mudança de trabalho, casamento, nascimento de um filho, entre outros).

(...)

A BORBOLETA E O ESPIRITISMO

Uma vez que a borboleta é referência de renovação, para os espíritos, ela simboliza a reencarnação. A reencarnação é o regresso da alma para outro corpo, uma nova vida.

OUTRAS SIMBOLOGIAS DA BORBOLETA

A borboleta é o símbolo do renascimento para a psicanálise moderna, que é representada com asas de borboleta. No Cristianismo, a borboleta representa e simboliza a ressurreição. Na mitologia grega, a personificação da alma é representada por uma mulher com asas de borboleta e segundo as crenças gregas populares, quando alguém morria, o espírito saía do corpo com forma de borboleta.

Por outro lado, no mundo sino-vietnamita a borboleta exprime a longevidade ou está associada ao crisântemo, o qual simboliza o outono, ou seja, a renovação, uma vez que no outono ocorre a queda das folhas. Para os astecas e os maias, a borboleta simbolizava o deus do fogo Xiutecutli, o qual levava como emblema um peitoral chamado “borboleta de obsidiana” que simbolizava a alma ou o sopro vital que escapa da boca de quem está morrendo. Os Balubas e os Lulus do Kasai, do Zaire central, também associam a borboleta com a alma. Para eles, o homem segue o ciclo da borboleta desde sua nascença até sua morte. Na mitologia irlandesa, a borboleta simboliza a alma liberta de seu invólucro carnal, da mesma maneira que na simbologia cristã.

No Feng Shui, o uso de borboletas é considerado o mesmo que o uso simbólico de pássaros. Ambos, pássaros e borboletas, estão a voar livremente, e isto comunica com o desejo humano de uma vida livre e feliz perto do Paraíso. Uma vez que o Amor é o sentimento mais significativo que faz as pessoas “voar”, a borboleta é o símbolo mais comum usado como cura para o *Amor e Romance no Feng Shui*. (<https://osegredo.com.br> - por Nina Greguer – pesquisa Google).

Foi o bater das asas de uma borboleta que inspirou o cientista Edward Lorenz acerca da origem da teoria do caos. Em 1963, a teoria apresentada: “o bater de asas de uma simples borboleta poderia influenciar o curso natural das coisas e, assim, talvez provocar um tufão do outro lado do mundo”.

No momento estamos a enfrentar uma fase de pandemia gerada pelo novo coronavírus, a Covid-9, cuja origem tem gerado polêmica no mundo da ciência. Sabe-se que se trata de um vírus que contamina o ser humano. Não o vemos a olho nu, portanto um inimigo invisível, que fez as nações mais poderosas ajoelharem-se. O homem se sentiu rendido, sem armas para combatê-lo, recorrendo ao isolamento. Muitos falecem, inclusive os profissionais da medicina,

verdadeiros heróis nessa guerra insana, causando dor e sofrimento. Fez o homem voltar-se para si mesmo, introspectivo, buscando a solidariedade, valor do qual se distanciou, perdeu referência, deixou de ter importância no seu dia a dia.

Diante disso, resta indagar, teria a Covid-19 servido como indicativo ao ser humano que existem elementos gerados pela natureza, desconhecidos, capazes de desafiar o conhecimento e a riqueza material do planeta e mudar o rumo da humanidade??? Como as borboletas têm a capacidade inata da metamorfose, creio que o ser humano atravessará este mar vermelho da pandemia da Covid-19, com nova visão de mundo, com o coração cheio de amor, a alma plena de luz e compreensão, capaz de acolher e solidarizar-se com o próximo.

Teremos uma metamorfose da humanidade, renovada tal qual fênix, renascida das cinzas deixadas pelo coronavírus, fazendo renascer um homem melhor, capaz de destruir a semente do mal e fazer rebrotar eternamente o amor no seu coração.

